

Diversidades e Estudos Étnicos - Raciais (africanos e brasileiros)

A Construção do Coletivo de Mulheres Negras de Apucarana/PR

Évinen Amorim da Silva -¹

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de construção e formação do Coletivo de Mulheres Negras de Apucarana/PR. O Coletivo é formado por mulheres negras diversas em níveis de escolaridade e atuação profissional.

Enquanto assistente social e presidente do Coletivo, a autora busca compreender bem como refletir a partir da perspectiva do Feminismo Negro a importância da organização política de mulheres negras.

Nesse sentido, procura problematizar o estabelecimento do Coletivo como um importante espaço de ação política, lugar de fala e acolhimento às mulheres negras. A exposição prezou pela abordagem qualitativa, tendo sido eleito o relato de experiência como estratégia metodológica.

1 O COLETIVO EM CONSTRUÇÃO: AÇÃO POLÍTICA E ACOLHIMENTO A MULHERES NEGRAS

A ideia de construção do Coletivo, deu-se a partir de uma negativa de uma banca de submissão de um Trabalho de Conclusão de Residência, com a temática proposta acerca dos “Determinantes sociais em saúde mental das mulheres negras” deste município citado, no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, no ano de 2021, onde o trabalho foi impedido de ser realizado e não houve possibilidade de coleta de dados, ao ser um tema considerado pela banca “irrelevante”. Partindo da negativa observou-se a necessidade de pesquisar e estudar aspectos relacionados as mulheres negras de Apucarana, mas, sobretudo da criação de espaços e coletivos que fomentassem o debate em torno do racismo vivenciado por aquelas mulheres naquele contexto, bem como sua condição na

¹Assistente Social (ULBRA-RS), Especialista em Saúde Mental (AMS-PR), Grupo SerSaúde (UEL), E-mail: evinenam@hotmail.com.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

sociedade e em relação aos diversos tipos de violências, discriminações e silenciamentos cotidianos.

Após um evento realizado pela Prefeitura, no Cine Teatro Fênix, em 20 de novembro de 2022, em alusão ao “Dia da Consciência Negra,” a ideia foi compartilhada com a palestrante doutora Adevanir Aparecida Pinheiro, assistente social e socióloga. Nesse dia estabeleceu-se contato com a mesma e em 05 de dezembro de 2022, criamos um grupo de WhatsApp, formado inicialmente pela autora, palestrante, e outras cinco mulheres negras que se interessaram pela temática e foram adicionando outras companheiras. O grupo online seria uma forma de articulação para criação e efetivação do Coletivo, chegando a sessenta integrantes.

Em 30 de janeiro de 2023, aconteceria o primeiro encontro presencial do grupo enquanto Coletivo de Mulheres Negras de Apucarana, no Salão Nobre do Colégio Estadual Alberto Santos Dumont. Ao longo dos encontros definiu-se que o grupo inicialmente teria como um dos objetivos, além de trazer mulheres negras manter a perspectiva de acolhimento. Dessa forma nos encontros são realizados leitura e reflexão de alguns trechos de escritoras negras como Bell Hooks, Djamilia Ribeiro, entre outras, rodas de conversa, dinâmicas de grupo, atividades culturais e de entrosamento do grupo. A proposta dos encontros presenciais é de construção de um espaço de diálogo onde se prioriza a fala e a escuta de cada uma sobre as experiências e percepções pessoais relacionadas às opressões vivenciadas, pela condição enquanto mulheres negras.

Busca-se também nos encontros manter a comunicação de maneira horizontal, sem hierarquias, sempre em formato circular. Assim forma-se o Coletivo com mulheres plurais em suas diversidades, com diferentes vivências, características sociais, econômicas e culturais porém, atravessadas pelas mesmas questões de gênero e raça, pelos mesmos processos de exclusão, discriminações e silenciamentos e que a partir de suas histórias de vida e singularidades compartilham conhecimentos, dúvidas, medos, tristezas, perspectivas, dores e sonhos.

É fundamental enfatizar que as diversidades também se manifestam no grupo através das profissões e diferentes níveis de escolaridades. Compõem o Coletivo, assistentes sociais, pedagogas, psicopedagogas, empresárias, psicólogas,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

costureiras, diaristas, donas de casa, estudantes, professoras, bailarinas, entre outras, cada uma com experiências e bagagens de luta e militância diferenciadas, enquanto algumas já tinham senso crítico e formação política outras ainda estavam na busca e tentativa de término dos estudos através do sistema de “Educação Básica para Jovens e Adultos” e que demandava de alguma forma a necessidade de serem desconstruídas do senso comum e serem levadas a uma perspectiva teórico crítica. Sobretudo, no que dizia respeito a identidade das mulheres negras e a construção e consolidação de espaços de fala dessas. Tendo em vista as diversas formas de violências e o silenciamento que foram submetidas ao longo do tempo, esse processo de desconstrução do que já estava imposto por estruturas de poder e opressão, apresentava-se um processo desafiador, principalmente trazê-las ao centro do debate e romper com os processos de silenciamento.

Audre Lorde, afirmava que “O silêncio não vai nos libertar” (Lorde, 2019). De acordo com essa autora independente da condição, posição social ou nível de escolaridade da mulher negra, ela ainda experimentaria a solidão, a falta de pertencimento, o que as levaria a experiências de isolamento e silenciamento.

Como nesse primeiro momento a proposta era de construção e acolhimento, os encontros mantiveram essa característica informal, propiciando espaço de fala, trocas e partilhas, com o passar do tempo percebeu-se a necessidade de estruturar o Coletivo formalmente, sendo iniciado, em julho de 2024, o processo de elaboração do Estatuto, Regimento Interno, Assembleia Geral, Ata e composição de uma diretoria, processo ainda está em andamento.

Alguns desafios e fragilidades foram encontrados na construção do Coletivo, dentre eles, a baixa frequência das integrantes do grupo online nos encontros e reuniões presenciais. O que nos levou a uma reflexão do contexto social, econômico e histórico dessas mulheres.

Ou seja, a compreensão do lugar, função social e econômica, no sistema capitalista, que as mulheres negras ocupam, sistema, que por sua vez, é reprodutor da exploração e violências, muitas vezes a jornada (dupla/tripla) de trabalho, as questões domésticas, familiares, econômicas, de acesso (por muitas vezes não terem condições econômicas para o deslocamento) e propriamente dito esse lugar socialmente imposto pelo patriarcado que as mulheres de forma geral sobretudo negras ocupam de responsabilização e “cuidado” com o outro, com todos, menos

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

consigo mesma.

Sobretudo alguns aspectos importantes foram se desenhando ao longo dos encontros, fossem presenciais ou online e tornado-se características do Coletivo como por exemplo, ter como critério para participação, ser exclusivamente mulher negra, o Coletivo poderia ter apoiadoras mulheres brancas mas, para inserção, apenas mulheres negras, outro aspecto foi não ter vínculo político partidário em âmbito municipal e nem religioso, por também o mesmo ter uma diversidade de credos e práticas religiosas. Porém, pleiteamos uma “cadeira” de representatividade junto a Secretaria da Mulher, obtendo êxito no processo eleitoral e tendo uma delegada representante no Conselho Municipal.

Segundo Bell Hooks (2019) “as mulheres negras, particularmente aquelas que escolheram ser sujeitas radicais, podem se mover em direção à transformação social que irá abarcar a diversidades de nossas experiências e necessidades.” (Hooks, 2019, p.127). De acordo com essa visão, para autora, as mulheres negras que se propuseram caminhar na perspectiva da militância e ativismo, apesar de enfrentarem grandes desafios, possuem a possibilidade de desenvolverem processos que propiciarão desconstruções e oportunizarão uma transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados de construção do Coletivo de Mulheres Negras de Apucarana, podemos concluir a potência e o impacto que a mobilização social, pensada enquanto coletivo pode ter, como conquistas de espaço, lugar de fala, acolhimento, desenvolvimento de conhecimentos, desalienação e organização política. A estrutura mantida de comunicação horizontal reafirma a perspectiva que todas estão em condição de igualdade, pertencimento e contribuição para o fortalecimento, efetivação e consolidação do Coletivo. Essa diversidade e pluralidade fortalece a luta do feminismo negro, abrindo espaço para mulheres que não tiveram a oportunidade de estarem inseridas em um movimento social.

É importante ressaltar que apesar dos desafios e fragilidades encontradas durante o processo de construção, a realização de reuniões, encontros, rodas de

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

conversa, lives e a própria estruturação formal do Coletivo propiciou mudanças significativas na perspectiva de vida das participantes e integrantes, diante do próprio contexto em que estavam e estão inseridas. Dessa forma, o Coletivo tem se estruturado como rede de apoio, através do acolhimento e compartilhamento de experiências e vivências, objetivando a superação da estrutura de poder imposta socialmente pela branquitude, pela quebra das correntes do patriarcado, machismo, sexismo e racismo. E principalmente como defende algumas escritoras negras, como Rafia Zakaria, para uma reconstrução do feminismo, que não exista apenas um recorte de raça, mas, a racialidade esteja como ideia central e valorize a trajetória e história das mulheres negras, o feminismo negro.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. Olhares negros, raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.